

**YVES SCHWARTZ E O DIEESE:  
PASSAGEM E PRESENÇA NO MOVIMENTO SINDICAL  
BRASILEIRO**

*Ana Yara Paulino et Clovis Scherer*

Em primeiro lugar, quero agradecer o convite, para participar desse importante colóquio em nome do DIEESE, refletindo sobre a Ergologia e homenageando o Prof. Yves Schwartz. Em segundo lugar, quero agradecer o grande esforço de pessoas como a Profa. Daisy Cunha e do corpo do CNAM que tornaram possível minha presença aqui. É um prazer imenso estar com todos vocês!

Como foram as aproximações entre o DIEESE e Yves Schwartz e a Ergologia? Como tudo começou? O que aprendemos? Nossa intenção com essa apresentação é resgatar na historicidade dos momentos conjuntos, a trajetória percorrida e o que permanece em construção.

Uma pequena explicação: o DIEESE<sup>1</sup> é uma instituição criada pelo movimento sindical brasileiro em 1955. Até hoje sua diretoria é sindical, e é ela que indica uma diretoria técnica. Hoje eu estou aposentada, mas até agosto passado, por mais de 22 anos, fiz parte do grupo de técnicos do DIEESE. O DIEESE nasceu com a ideia de ser uma Universidade do Trabalhador, por isso o nome Departamento, para através da ciência defender os trabalhadores. Basicamente o DIEESE presta serviços de assessoria sindical nas negociações com os empregadores, etc., de educação (formação sindical), pesquisa e acompanhamento de políticas públicas.

---

<sup>1</sup> [www.dieese.org.br](http://www.dieese.org.br)

O DIEESE somente realizou o primeiro sonho de seus fundadores em 2012, com a criação da Escola de Ciências do Trabalho, com o curso de graduação de mesmo nome e cursos de especialização e extensão. Em 2017, são sócias do DIEESE oito centrais sindicais e quase 700 sindicatos, com presença em 18 estados da federação. Mas a situação financeira do DIEESE não está boa nestes últimos tempos, e há inclusive uma campanha de resistência que pode ser acessada pela internet: “DIEESE confio e apoio – unir, resistir e avançar”. Essa campanha refere-se ao DIEESE, mas reflete o clima de crescente perda de direitos que vivemos no Brasil. Mas não se trata somente de uma questão financeira.

Assim como a Comissão da Verdade no Ministério do Trabalho está desvendando, houve muitos momentos de ataque à organização dos trabalhadores, sindical e movimentos sociais, assassinatos, torturas de dirigentes, lideranças, difamação dos sindicatos, repressão etc. nos tempos da ditadura, mas também, como Walter Barelli – um dos antigos diretores do DIEESE – lembrou, há uma repressão econômica ao lado da repressão pela violência física e psíquica, exercida inclusive pelo Estado contra as organizações dos trabalhadores, mesmo em momentos ditos democráticos. Ou seja, situações muito semelhantes à que vivemos atualmente no Brasil, de retrocesso de direitos conquistados, de direitos trabalhistas, de direitos humanos, de políticas universais inclusivas (como o Sistema Único de Saúde – SUS, criação de universidades públicas federais etc.) e voltadas a diminuir a concentração de renda. Várias políticas e ações públicas – como o Fome Zero, Bolsa Família, Combate ao Trabalho Escravo, por exemplo - não só apresentaram resultados positivos, mas inscreveram o Brasil como exemplo no campo internacional.

Sabemos que a ofensiva conservadora neoliberal é mais extensa e abrange hoje todos os continentes. Como aparece no filme recente *Le Jeune Marx*, precisamos nos organizar na luta, nos fortalecer, não desistir com um fracasso, aprender a construir estratégias. Pode-se compreender a relação DIEESE Ergologia como tal?

Quem imaginava que a visita do professor Yves Schwartz ao DIEESE em 1997 desencadearia um processo de colaboração tão rico e duradouro? Acompanhado pela Profa. Maria Inês Rosa, Yves nos trouxe a experiência da Abordagem Pluridisciplinar das Situações de Trabalho (APST): uma legitimação formal do saber fazer em diálogo com o saber institucionalizado das disciplinas em movimento para uma ação política. Era o dispositivo a três polos que demoramos tanto a entender...

Naquele momento o DIEESE desenvolvia um projeto de pesquisa e formação técnica com o CESIT/Unicamp sobre “Desenvolvimento tecnológico e emprego”, apoiado pelo CNPq, do qual eu estava na coordenação executiva. Algumas linhas de pesquisa e atividades previstas, neste e em projetos posteriores de mesmo molde, permitiram a colaboração inter-institucional para o intercâmbio de professores e pesquisadores entre a França e o Brasil e vice-versa. De 1997 até agora, há pelo menos uma atividade anual conjunta entre as duas instituições ou do DIEESE com outras instituições brasileiras da Rede Ergologia: LAEL da PUC-SP, UFMG, UFF, entre outras. É importante notar que houve a preocupação de se realizar atividades em várias cidades do Brasil, divulgando a Ergologia, envolvendo especialmente São Paulo, Campinas, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Florianópolis, Rio de Janeiro, Niterói, e convidando técnicos, pesquisadores e sindicalistas de todo o Brasil.

O projeto DIEESE/CESIT/CNPq organizou oito publicações, sendo que em sete delas aparecem artigos de autores do Departamento de Ergologia.

Entre 2003 e 2005, o estreitamento dos laços institucionais resultaram em programa de colaboração efetivo, no qual houve a participação do Instituto Observatório Social da CUT (Central Única dos Trabalhadores, a central que concentra maior número de trabalhadores na base), para estudar o setor terciário a partir de uma empresa multinacional francesa do comércio varejista presente em três países: França, Brasil e Argentina. Várias organizações sindicais dos três países participaram do projeto, como a estiveram presentes, Sindicatos de trabalhadores francêss (???), argentino (FAECyS) e brasileiros (Sindicato dos Comerciários de Porto Alegre – filiado à Força Sindical, e Sindicato dos Comerciários de Osasco e Região –

filiado à CUT). Rémy Jean, Renato Di Ruzza e Daisy Cunha foram os coordenadores representantes do Departamento da Ergologia.

A presença de Jacques Duraffourg em seminário internacional em São Paulo e Recife, no final do ano de 1997, trouxe o olhar da ergonomia franco-belga através da abordagem mais abrangente da ergologia para os trabalhadores e suas situações de trabalho, tema tão caro ao movimento sindical, ligado às questões da organização do local de trabalho. Desse seminário resultou o texto de sua autoria “O robô e os queijos”, indicado até hoje em cursos da universidade e de formação sindical, e publicado no primeiro livro do projeto (DIEESE, 1998).

Hoje o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) tem a Escola de Ciências do Trabalho. Para ela ser formada, uma das experiências estudadas em profundidade foi a do Departamento de Ergologia da Université de Provence em Aix. Entre as heranças e diálogos, temos formas semelhantes de discutir em círculo, a disciplina e os cursos de formação sobre saúde do trabalhador e da trabalhadora e sua relação com as políticas públicas de vigilância da saúde. São demandas sindicais que questionam a organização do trabalho, a gestão, as metas, a saúde e o adoecimento dos trabalhadores. Nesses cursos estão presentes cada vez mais as noções da Ergonomia da Atividade, quando não da própria Ergologia.

Nossa intenção com essa apresentação é refletir sobre as marcas da Ergologia que reconhecemos entre nós, a abertura de nossa visão a partir dela, e mapear momentos e ações de sua presença no DIEESE e no movimento sindical com quem nos relacionamos. Vale lembrar que o DIEESE congrega centrais sindicais brasileiras e centenas de sindicatos locais, federações e confederações setoriais, com visões políticas diferentes, mas que chegam a vários consensos, por exemplo, em torno da Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora. É o caso do Fórum Nacional das Centrais Sindicais em Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora (FNCSSTT), que se reúne periodicamente desde 2010 e que, no final de 2016, apoiou a vinda do professor Pierre Trinquet a São Paulo. Essas ações e iniciativas vêm sendo alimentadas pela vinda de outros pesquisadores da Ergologia da França e de outros tantos processos de colaboração com pesquisadores

da Ergonomia da Atividade e da Ergologia brasileira. Vale aqui citar palestras de Trinquet na Escola DIEESE de Ciências do Trabalho, no Sindicato dos Químicos de São Paulo, Fundacentro, entrevista à Rede Nanotecnologia, Sociedade e Ambiente (Renanosoma), Instituto Intercâmbio Educação e Pesquisa (IIEP), em períodos recentes.

O interesse do movimento sindical brasileiro pelas relações de trabalho e condições de saúde tem aumentado nos últimos anos, pressionadas que estão trabalhadores e seus representantes por uma gestão do trabalho adoecedora e violenta, a indústria 4.0 e o crescente desmonte de suas árduas conquistas. Daí seu interesse pela Ergologia como desafio possível e empoderador mesmo em momentos de adversidade.

Ao lado dos mais velhos “contaminados” pela Ergologia, as novas gerações começam a descobrir na abordagem ergológica campo fértil para suas questões e preocupações com um mundo sustentável.

Os ergólogos são militantes em qualquer tempo; militantes do presente, confrontando saberes, conhecendo os limites, explorando alternativas para a liberdade, equanimidade, respeito à diversidade, com confiança na capacidade dos sujeitos se fortalecerem em coletivos e negociarem a felicidade no trabalho – trabalho esse sempre um mistério, tão presente, tão difícil de decifrar (talvez a palavra não seja esta...).

Os ergólogos são humildes em suas conquistas; e com isso chamam atenção e conquistam mais e mais simpatizantes.

Yves Schwartz voltou depois poucas vezes ao DIEESE: algumas reuniões de encaminhamento da colaboração institucional, uma para falar na Escola justamente sobre se é possível existir o campo Ciências do Trabalho, outra no Observatório Social. Mas nunca esteve longe, ao contrário. Yves é por si só a sua obra: sutileza, delicadeza, presença respeitosa, filósofo da aprendizagem, sábio na sua simplicidade e paciência, envolvendo e compromissando outros sujeitos nas trilhas ergológicas. Ele está presente firme e forte nas linhas dos trabalhadores e do movimento sindical brasileiro e, quando

não as vemos, nas entrelinhas daqueles que ainda não reivindicam em voz alta o saber do seu fazer e de sua possibilidade de saber e decidir.

A árvore da Ergologia cresce; e dá mais e mais frutos.

### ***Referências***

DIEESE (2005) *Trabalho e abordagem pluridisciplinar: estudos Brasil, França e Argentina*. São Paulo: DIEESE; Campinas: Cesis/IE/Unicamp.

FREIRE, P. (1987) *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.), (2007) *Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Rio de Janeiro: Editora da UFF.

SOUZA E SILVA, M. C. Perez de (2015) A construção de liberdades e capacidades na interação linguística. Entrevista concedida a Leslie Chaves e Ricardo Machado. *IHU On line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. Ano XV, n. 467. Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5997&secao=467](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5997&secao=467).